



RESUMO EXPANDIDO SUBMETIDO AO XXVI ENID - 2024 - UFPB AVALIAÇÃO DO EXAME CLÍNICO OBJETIVO ESTRUTURADO (OSCE): IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER

Rafaella Moura de Freitas;
Viviane Rolim de Holanda;
Thaina Karoline Costa Dias;
Jeferson Barbosa Silva

Programa de Monitoria

CCS - Centro de Ciências da Saúde Campus I - João Pessoa

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a prática clínica é fundamental na formação acadêmica, pois é quando o aluno desenvolve competências e habilidades adquiridas durante as aulas. A primeira experiência com o campo de prática pode ser desafiador e repleto de incertezas por parte do aluno, o que pode dificultar o processo de associação teórico-prático, deixando o estudante mais vulnerável, com sentimentos de incapacidade, constrangimento e insegurança (Boostel; et.al., 2021).

Sendo assim, uma estratégia que vem sendo gradativamente adotada nos cursos de graduação em enfermagem, é a de simulação realística. Desta forma os alunos têm a oportunidade de adquirir conhecimentos de maneira prática, em ambiente seguro e facilitado pelo professor. Com posterior feedback da experiência vivenciada, avaliando o aprendizado e cuidado prestado ao paciente na simulação, associando teoria e prática (Rosa, et.al., 2020).

O Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE) é um método de simulação clínica organizado em estações estruturadas para realização de determinadas ações solicitadas, em pacientes simulados. Esse método de simulação é considerado padrão ouro na avaliação de competências e habilidades devido a sua objetividade e confiabilidade (Mak; Krishnan; Chuang, 2022). Este estudo teve como objetivo avaliar a experiência do OSCE no desenvolvimento de habilidades práticas específicas no ensino da Enfermagem na atenção à saúde da mulher.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, realizado no semestre 2024.1, com estudantes do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O componente curricular Enfermagem na atenção à mulher II faz parte do sexto período do curso e apresenta carga horária de 120h. O OSCE aconteceu no centro de simulação clínica do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW).

Os alunos foram confinados em uma sala, onde deixaram seus materiais e os celulares, em seguida eram chamados pelos professores facilitadores da simulação para realizar os OSCE. A simulação foi reali-

zada com dois cenários que simulavam a consulta de pré-natal e uma assistência ao parto com checklist e feedback. Com tempo determinado, cada aluno lia o caso clínico e após realizava os manejos solicitados: avaliação obstétrica da gestante (medida do fundo uterino, manobra de Leopold e a ausculta fetal); na segunda estação, tratou dos procedimentos imediatos da assistência ao parto, com aplicação de ocitocina IM, clampeamento do cordão em tempo oportuno, estímulo a hora de ouro.

Após a finalizar a simulação, os estudantes foram convidados a responder o questionário, por meio de formulário do Google, com duração média de 05 minutos. Foram elaboradas 11 questões de múltipla escolha; e um último espaço foi deixado para sugestões dos alunos. Participaram da simulação 21 alunos e 16 alunos responderam ao questionário. Posteriormente, as respostas foram analisadas e obtidos os dados em porcentagem para avaliação da utilização deste método pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos alunos que participaram da pesquisa, a maioria era do sexo feminino (87,5%), e as idades variaram entre 22 e 50 anos. Apenas 18,8% relataram já ter participado de simulação clínica anteriormente. As três primeiras questões do trabalho solicitaram a autoavaliação dos discentes sobre seus conhecimentos prévios e posteriores ao OSCE, bem como se este método contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos e habilidades.

De acordo com os resultados obtidos observou-se que houve elevação de 37,5% do nível de conhecimento e habilidades no nível satisfatório e de 18,7% no nível muito bom, redução de 62,5% no nível moderado, porém houve a elevação de 6,2% no nível fraco de conhecimento. No que diz respeito à contribuição do OSCE para a aquisição de conhecimentos, 43,8% referiu que era excelente; 37,5% muito bom e 18,8% satisfatório (tabela 01).

Sendo assim, nota-se que houve melhora significativa no nível de conhecimentos e habilidades após a realização do OSCE. O número de discentes que se autoavaliaram em níveis satisfatórios e muito bom aumentaram, o que demonstra que houve uma evolução na percepção de suas competências. Destaca-se, portanto, que o OSCE tem impacto positivo, em geral, na aquisição de habilidades e conhecimentos dos discentes. Sendo assim, uma estratégia pedagógica efetiva e importante na formação acadêmica dos alunos antes de suas práticas clínicas nos serviços de saúde.

Dentre as demais questões evidenciou-se que 68,8% responderam que se sentem preparados para a prática clínica de Saúde da Mulher 2 após o OSCE e 93,8% gostaram de participar do OSCE (tabela 2). Estimulando, assim, para que os docentes possam repetir essa prática em posteriores turmas. Por fim, verificaram-se as sugestões de realizar o OSCE ao fim de cada Unidade ministrada e de realizar aulas práticas em laboratório, com monitores, antes da simulação avaliativa.

Tabela 1: Porcentagem do nível de conhecimento/habilidades auto referida dos alunos.			
	Auto avaliação do nível de conhecimento/habilidade antes do OSCE	Auto avaliação do nível de conhecimento/habilidade após o OSCE	Contribuição do OSCE para aquisição de conhecimento/habilidades
Nível fraco de habilidade/conhecimento	6,3%	12,5%	0%
Nível moderado de habilidade/conhecimento	75%	12,5%	0%
Nível satisfatório de habilidade/conhecimento	12,5%	50%	18,8%
Nível muito bom de habilidade/conhecimento	6,3%	25%	37,5%
Nível excelente de habilidade/conhecimento	0%	0%	43,8%

Fonte: Autora, 2024.

Tabela 2: Porcentagem das respostas dos alunos sobre o OSCE.

	I – Discordo completamente	II – Discordo parcialmente	III – Não concordo nem discordo	IV – Concordo parcialmente	V – Concordo completamente
O feedback dos docentes após o OSCE foi objetivo e útil para o aprendizado?	-	-	-	6,3%	93,8%
Você avalia que o OSCE será útil para sua atuação na prática clínica posteriormente?	-	-	-	6,3%	93,8%
Você avalia que o OSCE será útil para desenvolver competências para tomadas de decisões assertivas no campo de prática?	-	-	-	6,3%	93,8%
Você avalia que o OSCE foi útil para aumentar sua autoconfiança para atuar em situações semelhantes no futuro?	-	-	6,3%	25%	68,8%
Você avalia que o OSCE foi útil para desenvolver seu raciocínio clínico-reflexivo?	-	-	-	6,3%	93,8%
Você sentiu-se confiante ao realizar corretamente as intervenções necessárias no OSCE?	6,3%	37,5%	12,5%	37,5%	6,3%

Fonte: Autora, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que o Exame Clínico Estruturado Objetivo (OSCE) é uma avaliação importante para a formação do estudante de graduação de enfermagem, no componente Enfermagem na atenção à saúde da mulher II.

A maioria dos alunos apresentou melhorias significativas após a participação no OSCE, especialmente em relação ao aumento da competência e ao desenvolvimento do raciocínio clínico-reflexivo. Além disso, o feedback dos docentes foi considerado objetivo e útil, o que reforça o papel fundamental da OSCE como uma ferramenta pedagógica eficiente.

De maneira geral, a OSCE mostrou uma metodologia essencial para a preparação acadêmica, aproximando os alunos da realidade clínica e contribuindo de forma significativa para sua atuação no campo de prática com contribuição significativa para o ensino profissional de saúde.

REFERÊNCIAS

Boostel, Radamés et al. Contribuições da simulação clínica versus prática convencional em laboratório de enfermagem na primeira experiência clínica. *Escola Anna Nery*, v. 25, n. 3, p. e20200301, 2021.

Mak, Vivienne; Krishnan, Sunanthiny; Chuang, Sara. Students' and examiners' experiences of their first virtual pharmacy objective structured clinical examination (OSCE) in Australia during the COVID-19 Pandemic. In: *Healthcare*. MDPI, 2022. p. 328.

Rosa, Maria Ercília Chagas et al. Avaliação do debriefing na simulação clínica no ensino em enfermagem. *Enferm Foco*, v. 11, n. 4, p. 153-160, 2020.